ULMEIRO

Jaime Salazar Sampaio

Conceição ou Um Crime Perfeito
A Jornada
O Viajante Imóvel

TRÊS PEÇAS. TRÊS BECOS. TRÊS SAÍDAS

Será que, provisoriamente, nada está perdido, apesar da escuridão final de cada uma das peças? Talvez assim a **infância,** a **mocidade.** Transviadas, como o percurso de cada personagem. Ninguém ao certo sabe «por onde é o caminho da infância», nem o da fidelidade («A Jornada»), nem o do outro («Conceição»), nem ainda o do ambr «O Viajante Imóvel»). Agora são as sombras, o vento que afasta e isola («Eduardo» de «Isabel», por exemplo), ou ainda uma sala de cinema vazia. Aniquilados, todos buscam o início onde se julga haver as sementes do sonho. Mas as castanhas tornaram-se diamantes. E estes pesam.

No entanto, **é a brisa, soprando, docemente, sobre esta colina** ou a invocação de Ludwig von Beethoven, feita por «Tó Manel» de «A Jornada», que vai restituir o texto perdido.

Tudo se adia, também. O suicídio de «José», os reposteiros que «Isabel» acaba por não rasgar. Mas adiando, tudo se espera. Dir-se-ia que há uma palavra ausente nestas três peças, talvez porque indizível, mas que brilha no meio da escuridão das outras. Pelo que tem de absurdo. De ilusório ou de ingénuo: a palavra **felicidade.**

Há ainda uma luta cerrada entre um passado e «este» presente: a infância, perdida e atraiçoada, e a maturidade da fábrica («A Jornada») ou do escritório («O Viajante Imóvel»). Personagens que dizem «lutar», «avançar», mas que nada fazem.

Personagens isoladas e isolantes. Narradores e actuantes. Espectadores de si e arrumadores de salas de cinema. Do cinema que a vida é.

Aprisionado num casulo, numa sala de espectáculo, vazia, num salão de aniversário, cada um gira em torno de si, numa consciência vaga de estar sendo sepultado vivo. Sem rasgos de revolta. Na ambiguidade, assumida, entre a «pessoa» e a máscara.

Poder-se-ia, ainda, falar de três actos, de uma única peça: «A Jornada» proporia as linhas de força da tragédia, isto é, a máscara de diamantes a sugar a «pessoa» que preferia «castanhas»; «Conceição» desenvolvê-las-ia «num crime perfeito», ou a aniquilação de si e do outro, do próprio outro que há em si, o desfazer da máscara num gesto de regressar ao «eu inicial»; «O Viajante Imóvel» seria, então, o desenlace, sem morte em cena, o baloiçar-se entre o presente e o passado, a recusar o suicídio, numa resistência passiva. Abrir-se-ia uma fenda por onde entraria a palavra «infância». Dir-se-ia que mesmo imóvel se resistiu.

Com raiva e dor se escreve, ainda, o aprisionamento e a sugação a que as «leis» de uma certa classe, média e burguesa, deteriorante e deteriorada, condenam as personagens.

Assiste-se ao espectáculo desse **crime perfeito** que a ordem da «boa» moral, citadina e conjugal, tão bem ensina. Veja-se, como exemplo, «A Jornada», onde se disfarça a histeria comendo pastéis de camarão.

Em todas as peças se morre. De sede, de fome, de cansaço. As flores murcham, mal são colhidas, um cão agoniza ao longo de treze cenas, um fardo esmaga. Arrasta-se uma cadeira. Ou lê-se o regulamento. Morre-se ainda, envelhecendo. No jardim da infância, abandonado. Em vez da **vida** temos **dias**, como diz Ruy Belo.

Mas há sempre quem, não se enforcando, se baloiça **como** um enforcado, sem esquecer, porém, que a infância deve ter um caminho. Que impeça a escuridão total. E talvez nem sempre se tenha razão quando se afirma que as **palavras, é dos livros, rolam entre a lingua e o nada.**

ISABEL PASCOAL MONTEIRO